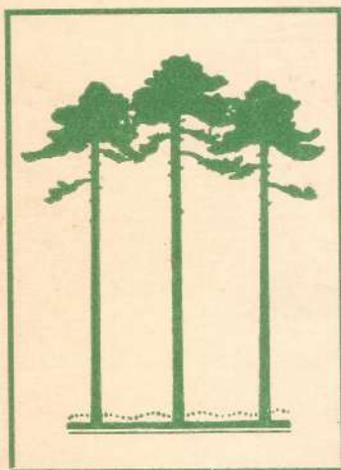


AS ÁRVORES

POR

ANTÓNIO ARALA PINTO
ENGENHEIRO SILVICULTOR



1 9 5 2

AS ÁRVORES

AS
ÁRVORES

POR

ANTÓNIO ARALA PINTO
ENGENHEIRO SILVICULTOR

2.^a EDIÇÃO

1935

*Aos Rapazes de Portugal, e entre
estes os meus amiguinhos certos*

JULITO
ANA MARIA MARIA JÚLIA
LUÍS GUILHERME TINITA
 MARIA LUÍSA LUISITA
 MARIA EDUARDA MARIA ALICE
 MARIA LEONOR (AMORIM) MIGUEL
 MARIA MANUELA (AMORIM) MANUELA
 MARIA DE JESUS TONECA
 JERÓNIMO MARIA ADELAIDE
 XIQUEINHO MARIA JÚLIA CHAVES
 MANUEL LEITE MARIA MANUELA
 CINDINHA MARIA HELENA
 MARGARIDA MARIA LEONOR
 JOSÉ MENDONÇA MARIA ISABEL
 MARIA FERNANDA

para os quais vão igualmente abraços de

o autor

Composição e impressão da oficina de
José de Oliveira Júnior — Alcobaça

*Fotografias cedidas amigavelmente
pelo engenheiro agrónomo e silvicultor
investigador Joaquim Vieira Natividade.*

*Músicas de D. José Pais de Almeida
e Silva.*

*Gravuras das oficinas de fotogra-
vura de Marques Abreu | Porto.*

*Aos rapazes de Portugal e aos
guardas florestais do meu país*

CARTA PREFÁCIO

Meu querido António:

QUANDO li, há bons 14 anos, o teu primitivo trabalho sobre «As Árvores», lembro-me de te haver escrito que ele deveria ser texto obrigatório de leitura nas nossas escolas primárias rurais. Agora, ante esta nova edição tão largamente ampliada, onde os bons conceitos se multiplicam e o vivo amor da tua nobre profissão mais se afirma, aquele meu juízo só encontra motivos para se manter inabalável.

Sim, o teu livrinho, que é um verdadeiro evangelho da árvore, deve constituir um catecismo, que faça despertar e avivar, no espírito e no coração dos que têm de viver da terra e para a terra, o culto fervoroso desses seres que, com o homem e todas as inúmeras espécies de hierarquia zoológica, gozam, na natureza, o misterioso privilégio da vida.

Com um saber de experiência feito, com um vivo ardor apostólico, com sugestiva eloquência, com a tenacidade das fortes convicções, tu traças, nas tuas páginas, uma verdadeira apologética da nossa «irmã» árvore, enumerando as suas virtudes, graças, encantos, benefícios, a sua acção climatérica, o seu papel na civilização, as suas funções na vida agrícola e na vida industrial.

Entusiásticamente buscas acendrar, nos espíritos dos nossos pequenos camponeses, o amor e a devota veneração que eles bem merecem. É uma bela cruzada, a que muito poderiam prestar auxílio os que dirigem

a nossa instrução popular, ordenando que o mestre-escola aldeão fizesse ler aos seus alunos essa excelente cartilha da religião silvana.

Mas a tua bela prédica deve ter um auditório mais largo do que aquele que lhe destinás. Porque o desamor e a irreverência pelas árvores são igualmente vícios dos adultos, não apenas rurais, mas também citadinos. Arrepiam a forma como elas são tratadas nas nossas primeiras cidades, as mutilações brutais que lhes infligem, as bárbaras condenações à morte que contra elas se proferem quando estão em plena beleza do seu desenvolvimento e da sua energia vital.

Há tempo foram abatidas, no Porto, as soberbas tílias da Praça Nova, com mais de 70 anos de idade e que, na época da floração, embalsamavam todo aquele vasto ambiente com o seu penetrante e delicioso perfume. E, na mesma cidade, à entrada da bela avenida da Boavista, trucidaram-se os magníficos plátanos que lhe faziam um gigantesco intercolumnium vegetal, sendo substituídos por uns pobres chorõezinhos que serão gente arbórea quando Deus quizer e, que, pertencendo a uma espécie botânica de velhos foros poéticos, melhor ficariam à beira da fonte de Narciso ou do túmulo dum grande vate romântico como Musset, do que numa grande artéria urbana.

Iguais tropelias tem sofrido a arborização de Lisboa

e de outras lindas terras do país, como Coimbra, onde a tosquia de todo um renque de árvores que borda uma das suas avenidas, a fez denominar pela crítica anónima e colectiva, às vezes tão espirituosa, de avenida... à la Garçonne.

Por tudo isto se vê que até às nossas corporações administrativas será conveniente e útil inspirar o respeito pela árvore, a admiração pela sua beleza, o reconhecimento pelas mercês que lhe devemos e que tu tão bem e tão completamente mencionas.

A certa altura do teu opúsculo depara-se-me a citação duma frase minha, extraída da carta que te escrevi, ao agradecer-te a oferta da primeira edição de «As Árvores».

«Eu também sou druída. Uma das alegrias da minha velhice é contemplar as árvores que plantei e acolher-me à sua sombra. E só me pesa não ter plantado uma floresta!»

E assim continuo no extremo declinar da vida, cada vez mais fiel a esse culto, cada vez mais druída, cada vez mais admirador e venerador desses seres vivos, que nos precederam no senhorio do planeta e à sombra e sob a protecção dos quais a humanidade deu nele, os seus primeiros passos e viveu por longos séculos alimentando-se dos seus frutos, aquecendo-se com a sua lenha, com eles construindo a palafita e a cabana,

talhando a haste da seta, escavando os seus troncos para fazer flutuar nos rios as primeiras embarcações.

E se «santo» Antero houvesse realizado aquele seu fantasioso projecto da Ordem dos Mateiros, que Eça de Queiroz tão espiritualmente revela no seu magnífico artigo do In memoriam, era bem possível que eu fosse também professor nessa congregação filosófica e panteísta, que seria um refúgio para os que, ao enlevo místico das ideias, juntam o encantado amor da natureza.

E agora, para terminar, a evocação dum factio longínquo que, neste momento, acode ao meu espirito.

Há 50 anos, um jovem magistrado do quadro do Ultramar, regressando da nossa África ocidental, onde com distinção desempenhara várias funções judiciais, realizou, primeiro em Lisboa e depois no Porto, uma brilhante série de conferências que tinham por objecto um largo estudo das nossas possessões de Angola e Congo. No Porto tiveram elas lugar na Sociedade de Geografia Comercial de que era presidente Oliveira Martins.

O interesse logo à primeira despertado foi tal que se tornou necessário procurar, para o seu prosseguimento, recinto mais vasto do que as salas daquela agremiação.

E, durante seis noites, uma assistência numerosa e selecta, em que se contavam catedráticos das escolas

superiores e do liceu, magistrados, advogados, médicos, engenheiros, militares, homens de letras e as figuras então marcantes do meio comercial, escutou atenta a palavra sugestiva do conferente que, com ela, encantava o seu auditório. E devo notar que, neste, se encontrava Antero de Quental, que, por conselho de Oliveira Martins, deixara o recolhimento do seu cenóbio de Vila do Conde para ouvir essas preleções tão auspiciosamente iniciadas.

Ora esse bacharel em direito não vinha ali explicar temas jurídicos, mas traçar um vastíssimo quadro daquele nosso domínio colonial, estudando-lhe a geologia, a orografia e a hidrografia, a flora e a fauna, a etnografia das populações indígenas com os seus usos, costumes, ritos, a sua rudimentar organização social, politica e económica. E de tudo isto nos sugeria visões impressionantes como as do animatógrafo, pela clareza e brilho do seu verbo e pelo comunicativo amor que manifestava pela natureza, os seus mistérios e deslumbramentos. Ainda me lembro a eloquência com que descreveu a floresta virgem, enumerando as suas mais belas espécies arbóreas, tornando-nos sensível a sua imponente magestade.

De certo não é preciso que eu te revele o nome desse conferente: bem sabes que se chamava Francisco António Pinto, e era teu Pai. Conheci-o então pessoal-

mente e amigos fomos até à sua morte. Pois agora, ouvindo a leitura desse hino que às árvores entoas, sentindo a exaltação com que as amas e lhes cantas as belezas, as graças, os dons que de si mesmas nos fazem, eu descubro, na tua alma, aquela mesma emotividade naturista que, já lá vai meio século, senti vibrar no belo espírito de teu Pai. E isto aquece-me o coração e mais aumenta a simpatia e a amizade que, desde a infância, sabes ter em mim.

Com estes sentimentos, te saúda e abraça o teu velho e muito dedicado amigo.

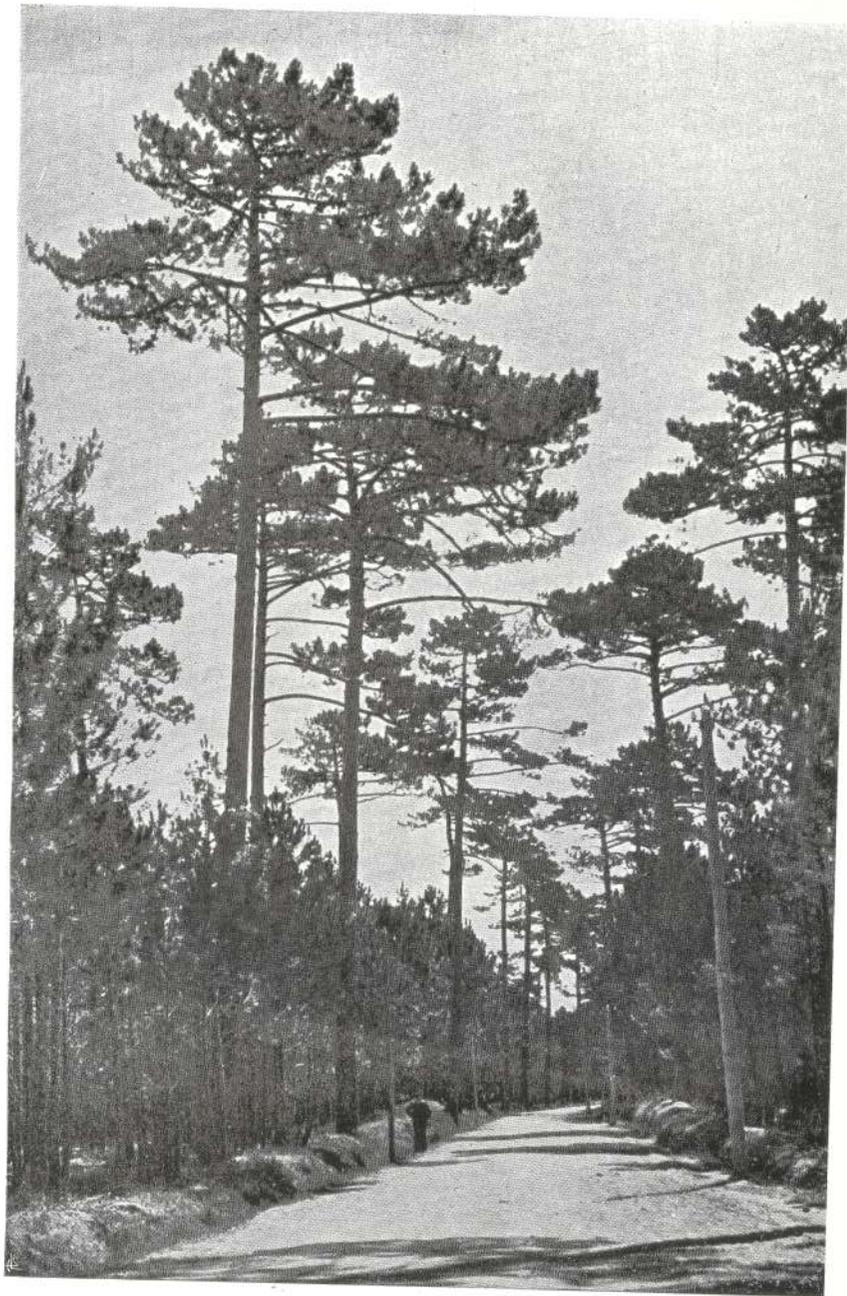
MOREIRA DA MAIA
QUINTA DO MOSTEIRO
1935-ABRIL-7

LUIZ DE MAGALHÃES

NOTA: O autor desta carta não usa a ortografia oficial; mas concordou em que ela se empregasse aqui para não destoar da do texto da obra.



Fig. 1 — Um trecho do Pinhal de Leiria, vendo-se os carros dobrados para o transporte dos grandes pinheiros.



Estrada conduzindo à Praia de S. Pedro de Moel,
orlada de árvores seculares.

INTRODUÇÃO

FOI em 1921, no monumental Pinhal de Leiria (Fig. 1), essa mancha de arvoredo nascida do mar de areia nos tempos já distantes do rei Lavrador, que mais se robusteceu a minha vida silvícola.

Desde então, converti-me em druída e tangindo os sinos da «Catedral verde e sussurrante» de que nos fala Afonso Lopes Vieira, chamei os rapazes na minha terra para a Religião do Bem, e ofertei-lhes o meu pequeno catecismo «As Árvores».

Em 1922, envaidecido, como todos os portugueses, com o feito de Coutinho e Cabral, repiquei de novo os sinos da arborização, lembrando no jornal «Diário de Lisboa» número 327 do mesmo ano, que a forma mais linda de perpetuar aquele feito da navegação aérea seria anexar, a cada escola primária, um parque infantil com o nome dos gloriosos aviadores, onde houvesse um dia sombra de arvoredo, frutos e flores.

E vi, em sonhos, a criação, nas escolas normais, de uma cadeira de Agricultura Prática. Os professores, estagiando nos perímetros florestais e postos agrários, iriam depois espalhar, por todos os cantos do País, os conhecimentos práticos assim adquiridos.

Cheguei a ver os rapazes das escolas, os futuros homens de Portugal, marcharem de sacho ao ombro a despertar a terra na cava do milho ou do feijão, ou a abrirem, com dois meses de antecedência, as covas para a plantação de árvores.

Ainda vi os pequenos pomareiros, acompanhados do professor, nas práticas do grangeio dos pomares, na colheita e acondicionamento dos frutos (1).

Do pequeno viveiro florestal existente no Parque Infantil, e no dia indicado pelo professor para a Festa da Árvore, caminhava o formigueiro em direcção à encosta da serra próxima, para a charneca da freguesia, ou para uma clareira do areal, junto da costa, levando cada qual o seu farnel, a sua enxada e a sua árvore.

A caminhada fazia-se alegremente, entoando as quadras de Afonso Lopes Vieira e de Júlio Brandão (2):

Uma árvore é um amigo. Ela verdeja
só para nos servir, para nos dar.
Honrado seja aquele que a proteja,
Bemdito seja aquele que a plantar.

Quem tem árvores tem flores
Quem tem flores tem beleza
Quem tem árvores tem frutos
Quem tem frutos tem riqueza.

Lançavam nesses pedaços de terreno improdutivo, os alicerces das futuras Caixas Económicas Escolares. Finalmente, ainda os vi deixar a escola com saudade e, desse modo, assim instruídos, cada qual na sua quinta, na sua quelha, fazia brotar a riqueza, o bem estar de Portugal.

E, porque a divisão da propriedade nos foi legada pelos romanos, com os muros de pedra solta e argamassada, ou com os cômoros revestidos de silvas, tojos e pilriteiros, no tempo em que a civilização na Lusitânia, por assim dizer, despontava, e os animais

(1) Ver livros: «Pomares» e «Os Frutos», do agrónomo investigador Joaquim Vieira Natividade — Alcobaça.

(2) Do livro «O Culto da Árvore», de Manuel Vieira Natividade — Alcobaça.

I

Letra de Afonso Lopes Vieira

Música de D. José Pais de Almeida e Silva

Andante expressivo

U - ma ár - vo - re é um a mi - go. E - la ver -
de - ja só para nos ser vir, para nos dar. Hon -
ra - do se - ja a que - le que a prote - ja, Bem di - to se - ja a
que - le qu'a plantar honra quele qu'a plantar.

II

Letra de Júlio Brandão

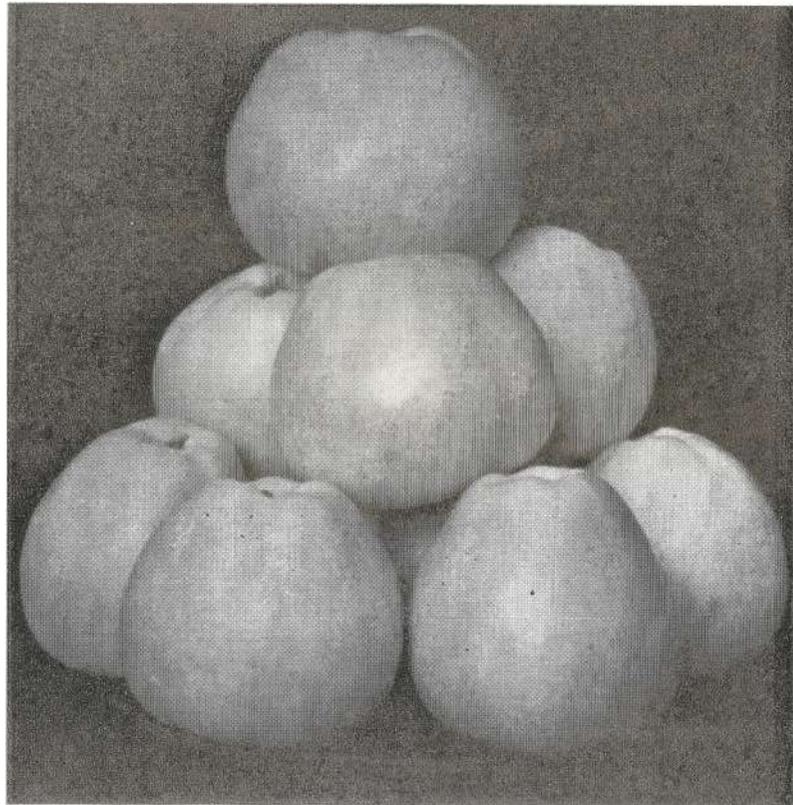
Música de D. José Pais de Almeida e Silva

Andante gracioso

Quem tem ár - vore - s tem flores, Quem tem flores tem be - le - sa. Quem tem
flores tem be - le - sa. Quem tem ár - vo - res tem frutos. Quem tem
frutos tem ri - que - sa. Quem tem ár - vo - res tem frutos. Quem tem
fru - tos tem ri - que - sa.



Fig. 2 — «Quem tem flores tem beleza . . .»



Polmos fulvos e doirados

daninhos infestavam as propriedades, via nos meus sonhos, os pequenos lavradores, no aproveitamento máximo do terreno, cobrir de flores esses muros, arranjando as divisórias de maïs retalhos de propriedades com hortenses, à semelhança do que se faz em muita propriedade açoreana.

O turista já não vinha a Portugal apenas para ver os seus monumentos, os seus costumes, o colorido das suas casas alpendradas, não viria só para gozar o nosso sol, o nosso céu, o nosso clima, vinha também com o desejo de estacionar no País de Fadas, que sem cessar exportava flores de cores muito vivas, e frutos (Fig. 2) que, suspensos das árvores, atraíam as abelhas, porque na polpa das mesmas havia a doçura do mel e o aroma das flores.

Sintra e Buçaco são duas fontes de riqueza para o Estado e, contudo, Portugal não faz nesses arboretos a exploração do arvoredo tal como se pratica no Pinhal de Leiria.

Não é apenas a obra do homem que chama o turista a esses locais; é a beleza dos panoramas, é o encanto natural desses jardins arbóreos.

Enquanto que, por toda a parte o homem procura uniformizar as cidades, derrubar florestas para a construção de campos de aviação, e de grandes espaços para arsenais de guerra, procuremos nós, no canto abençoado que Deus nos legou, cantar a harmonia da paz espalhando as árvores florestais, as fruteiras, e as flores, por todos os cantos da terra portuguesa.

* * *

Um florestal, habituado à ingratidão das sementeiras (Fig. 3 e 4) nos areais junto à costa, ou à arborização das serras nuas, não conhece o desânimo e, perseverante, ressemeia, conseguindo finalmente fazer brotar a vida vegetal da rocha lavada ou da areia estéril; e, quando um Amigo com a clarividência dos

seus 76 anos lhe diz: «... o teu livro não ficaria reduzido, no seu âmbito de propaganda, aos rapazes da tua terra. Seria para os rapazes do teu País... precisas de fazer uma nova edição, visto a primeira estar esgotada» (1)—sente que a vontade lhe cresce mais.

Ainda que o tema tenha sido já muito debatido, e conhecido de todos que não têm a felicidade da vossa idade juvenil, aí vai esta minha carta numa terceira edição, um pouco mais ampliada e ilustrada, endereçada a vós Rapazes de Portugal.

(1) Luís de Magalhães



Fig. 3—Um deserto de areias



Fig. 4—Sementeira de penisco, nos areais da costa

MEUS AMIGOS

O que são as árvores todos vós sabeis, são aqueles seres vivos, fixos à terra, os ulmeiros que orlam o caminho que vos conduz à escola, os sobreiros (Fig. 5) ou os plátanos em torno da capelita da vossa aldeia. É a macieira e a pereira do vosso quinteiro, as magnólias que embelezam e perfumam os jardins, os pinheiros (Fig. 6), e os carvalhos que vemos em volta de nós, os cupressus que no cemitério velam por todos os que nos foram queridos. É ainda a figueira onde vós marinçais para lhe colherdes os frutos, a laranjeira onde canta o pintassilgo, o salgueiro ou o chorão à beira do regato, a oliveira que, simbolizando a paz deu a luz com que se alumiarão os nossos maiores, o castanheiro e a azinheira que terão dado o pão ao primeiro ibero, o escrevinheiro onde fez o ninho a cerezina ou o rouxinol, e que vós não destruireis, o lódão que dá o bordão ao caminhante e as acácias acabadas de plantar no pátio da vossa escola que darão a sombra aos vossos filhos, e até poderão vir a dar o tanino para o curtimento dos couros.

São esses bemsditos seres que vivificam o ar, regularizam os cursos dos rios, alimentam as fontes, enxugam os pântanos, evitam em parte a erosão, influem em grande parte na pluviosidade, protegem as searas, as hortas, e as casas, dos ventos e invasão das areias.

É o castanheiro plantado por teu bisavô, que depois de ter dado inúmeros frutos a teu avô, a teu pai e a ti, irás arrancar substituindo-o por outro, por estar decrépito e necessitares, quando fores homem, de berço para o teu filho, de taboado para a tua casa, de aduelas para o vasilhame e de lenha para te aqueceres nas noites frias de inverno.

Dos teus antepassados ficaram os retratos, as imagens do que foram, e, das árvores que te deixaram, extrairás a tua riqueza, construirás o teu bem estar, o berço que acolherá o teu filho, o carrinho com que ele brincará e, ao morrer, será o taboado da árvore secular que te guardará na sepultura.

É pois, desses seres vivos, fixos à terra anos e séculos, com o tronco lenhoso nu e simples, tendo, na parte inferior, as raízes que se embrenham pela terra e, na superfície, um ramalhete de folhas, como as palmeiras, ou aquele por vezes emaranhado conjunto de pernadas de onde partem os ramos, e destes as folhas, flores e frutos, que eu vos quero falar.

Este meu livrinho, escrito em linguagem simples, é dedicado a vós, que sois a esperança dos homens de hoje, e creio que se ainda destruis as árvores é porque não tendes a previsão do futuro.

Não vos posso comparar ao animal daninho como a cabra que se empertiga para comer os renovos, os rebentos das árvores; a Natureza a fez assim, é irracional.

Não vos posso confrontar com esses homens malvados e sem discernimento que, pela calada da noite, iam saciar algumas vezes a sua vingança política golpeando as beneméritas árvores, plantadas nalgumas ruas e praças da terra portuguesa.

Alguns de vós, que me ledes, tendes praticado esses actos, mas inconscientemente, e tenho fé que no final da leitura deste breviário terei feito de todos uma falange, um exército da mocidade portuguesa capaz de defender sempre, corajosa e nobremente a árvore,

tal como o fizeram os doze paladinos que foram a Inglaterra, chefiados certamente pelo Magriço em defesa das damas.

* * *

As árvores apareceram no globo antes do homem o habitar, e isto porque a Natureza previdente, bem sabia que sem elas, sem a vida das plantas, sem a purificação da atmosfera, o homem não poderia existir, porque inicialmente a terra que habitamos era envolta por uma densa nubelosa, tendo muito gás deletério para a vida animal.

Atendendo às condições de luz, calor, frio e humidade que, como sabeis, variam com a altitude e latitude, às condições geológicas do solo e sua exposição, arranhou Deus grande diversidade de árvores que se adaptam a todos os meios.

Algumas essências (árvores), devido à sua constituição suportam temperaturas baixas sem que a seiva congele, outras têm a faculdade de viver próximo de fontes termais, cujas temperaturas vão a 48 e 49 graus centígrados.

Os pinheiros, pô-los nos países onde o Sol brilha como no nosso, indo os fetos lindos e gigantes viver para debaixo das árvores copadas do Equador. Nos terrenos pantanosos pôs o choupo e a faia, nos secos, a azinheira e o sobreiro, na montanha, a grande altitude, o vidoeiro. Nas zonas polares, como se as não destinasse a serem habitadas pelo homem, deixou apenas algumas plantas alpestres, liquenas e musgos, servindo estes de alimento às renas que ainda hoje dão o leite aos esquimós.

A árvore é pois essencial à nossa vida.

Existe até aquela linda fantasia bíblica descrita no Génesis «O livro da Sagrada Escritura» que trata da origem e criação do mundo dizendo que no terceiro dia criou Deus as ervas e as árvores, e só depois criou Adão.

Partindo pois, quer desta fantasia, ou do facto lógico e natural, o que é certo é que antes do reino animal povoar o globo existiu o reino vegetal.

Este existiu sem o primeiro, pois que aquele é que não poderia nem pode existir sem a vida dos líquenes, das ervas e das árvores.

Os nossos autoctones iberos, os primeiros habitantes da Península, viviam em cavernas e no interior das florestas sendo pois a sua vida verdadeiramente silvícola; (1) alimentavam-se da caça e principalmente dos frutos que as árvores lhes davam; as suas casas eram as cavernas, mas também nas árvores encontravam muitas vezes os seus refúgios.

Foram as árvores que lhes deram as suas primeiras armas de defesa e ataque — as flechas —, foi pela fricção de dois paus que eles obtiveram o fogo.

Era aos troncos esburacados de velhas árvores preferidas pelas abelhas, que iam buscar o mel e a cera; das folhas secas faziam as suas camas, os seus ninhos. Por isso, eles professavam pelas árvores um respeito e uma adoração que tinha a sua origem no benefício e na utilidade que estas lhes proporcionavam.

Além de tudo o mais, eles viam na duração, na grandeza da floresta, no magestoso porte da árvore, no aumento crescente do seu desenvolvimento, alguma coisa de superior à cultura agrícola que exigia o penoso trabalho do homem. Por esses motivos as árvores eram de Deus e as restantes plantas pertença dos homens.

O roble era adorado na Europa o e plátano na Pérsia.

Diz a lenda que Eriticson destruiu uma floresta, tendo-lhe aparecido a deusa Ceres a reprová-lo tal sacrilégio ou profanação. Eriticson começa a sentir o

(1) O etnógrafo Manuel Vieira Natividade estudou 43 grutas na região de Alcobça e na sua terra existe um verdadeiro museu arqueológico hoje em poder dos filhos.



Fig. 5 — Sobreiro secular (Grândola)

«Uma árvore é um amigo. Ela verdeja só para nos servir, para nos dar.»

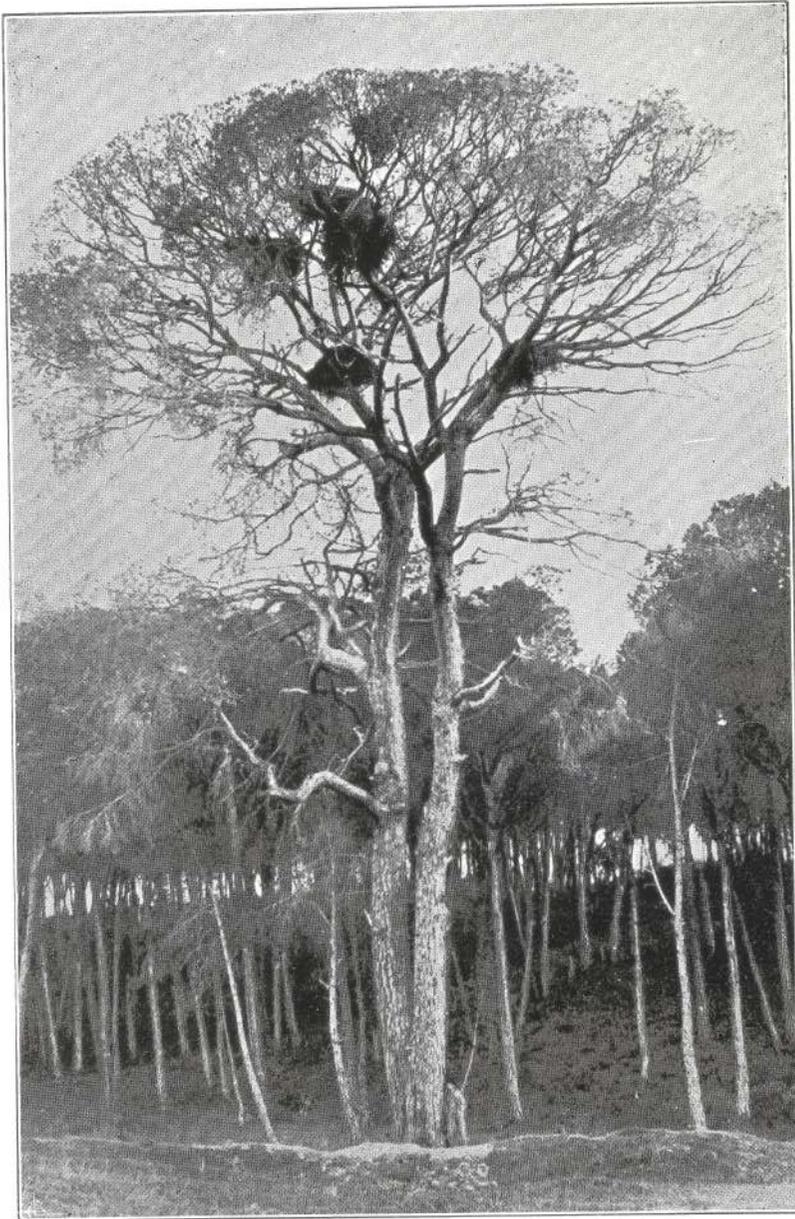


Fig. 6 — Palácio das Cegonhas — Pinheiro manso secular da Mata Nacional do Cabeção

peso do seu crime que se traduz numa fome insaciável e vende tudo quanto possui para, com o seu produto, comprar alimento que o satisfaça. Sua filha Merta é transformada em prata e é vendida também. Faz mais transformações, mas tudo é inútil, porque não há alimento que o acalme, acabando por se devorar a si mesmo.

A humanidade se cometesse a insensatez de destruir todas as florestas, ficaria com os seus campos estéreis e acabaria, como Eriticson, morrendo de fome.

Ainda no tempo de Júlio César, quando este, sitiando Marselha, quis destruir uma floresta, para que os seus valentes soldados se decidissem a cortar as árvores seculares, teve de dar o exemplo abatendo ele mesmo um carvalho e dizendo, segundo a tradução de Jaurégui: «Não receeis prosseguir a acção que iniciei, porque não será vosso o crime, serei eu o profano».

Quando do aparecimento do cristianismo na guerra movida à idolatria, S. Martinho destruiu com o fogo bosques que considerou profanos, e S. Bonifácio cortou a machado, por suas próprias mãos, perante o assombro e as imprecações dos que o rodeavam, uma árvore sagrada, cuja madeira destinou a um templo dedicado a S. Pedro.

Apesar de tudo, não me parece restar dúvida serem as florestas os melhores templos da humanidade para as suas orações. Já Plínio falando nas árvores diz: «As orações, rezadas na quietitude do arvoredado, são mais elevadas, mais fervorosas que as que se dizem diante de magníficas imagens de marfim e ouro».

Os monges construíam de preferência as suas moradias entre o arvoredado; é nas árvores que as aves bemdizem, sem cessar, as maravilhas do Criador; era ao monte das oliveiras que Cristo ia orar. Esses druidas tinham, pois os Deuses das florestas, das cearas, das flores, dos frutos, etc. que se chamavam Silvano, Ceres, Flora, Pómona, e adoravam-nos como os peruanos ou os fenícios adoravam o Sol — fonte da vida — tal como os cristãos adoram o seu Deus.

Com o evolucionar da humanidade, as necessidades foram aumentando, os homens começaram a agrupar-se aqui e ali, a fixar-se à terra, a formar os seus clans, a construir as suas casas de pedra solta cobertas de colmo, formando-se por esta forma as primeiras povoações.

As florestas foram sendo derrubadas para dar lugar aos campos de cultura, e quando esses terrenos, enriquecidos a princípio pelos despojos das árvores (as folhas, os ramos secos, os frutos que durante anos e séculos tinham tombado sobre o solo fertilizando-o) se mostravam, mais fracos, novas florestas eram derrubadas.

A agricultura, assim, continuaria a exterminar a árvore, se não se tivesse verificado que os seus despojos, trazidos para os campos de cultura, os tornavam férteis como outrora, e que a árvore frutífera, transportada da selva para a terra amanhada, dava frutos maiores.

Da sementeira natural passaram à artificial, com a a limpeza dos ramos secos e, da supressão dum ou outro ramo verde, chegaram à noção da poda.

Assim vieram as árvores frutíferas das selvas para as nossas hortas, para os nossos quintais, estendendo-nos carinhosamente os ramos carregados de deliciosos frutos (Fig. 7).

Para as praças e ruas das aldeias, vilas e cidades, vieram, para gozo do nosso espírito e para embelezamento da nossa terra, as que, adequando-se melhor ao terreno, nos parecem mais belas, pelo porte, mais lindas pelas flores, mais proveitosas pela frescura da sua sombra, quando o sol, correndo no azul do céu, nos caustica com os raios ardentes.

Poderiam vir e virão certamente um dia as árvores frutíferas para os caminhos e ruas das nossas aldeias, vilas e cidades dar os seus frutos aos velhinhos e às crianças que não dispoem dum palmo de terra onde possam plantar uma árvore. Este facto atestaria, aos que nos visitassem, um grau máximo da nossa civilização e do nosso amor ao próximo.

Para os terrenos difíceis de trabalhar, encostas declivosas da montanha, ou para os areais estéreis da nossa costa, vieram os nossos pinheiros bravos. Os terrenos que os nossos antepassados cultivavam eram suficientes para as suas necessidades, mas precisavam de adubos para eles, lenha para queimar, de madeiras para suas casas, suas embarcações e seu mobilário. Indispensável era o bosque para fazerem as suas caçadas.

Os nossos antepassados ignoravam também os benefícios incalculáveis que as árvores nas serras e nos areais lhes prestavam.

Até alguns dos nossos reis possuíam grandes matas, algumas moradas e denominadas tapadas, onde iam divertir-se na caçada aos javalis, aos veados e outros animais, sem pensarem certamente no bem incomensurável que as árvores nos fazem vivendo em maciço,

* * *

Os vegetais, quanto à duração e consistência dos seus caules dividem-se em herbáceos e lenhosos. Os primeiros são os que conservam os seus caules sempre tenros e frutificam só uma vez.

Num só período vegetativo a planta germina, desenvolve-se e frutifica morrendo depois, no mesmo ano (plantas anuais) dentro de dois anos (plantas bienais) ou mais anos ainda (plantas vivazes). Os vegetais lenhosos apresentam um caule rijo, consistente, repetida frutificação por muitas vezes sobre o mesmo caule. Estes ainda se dividem, conforme a altura do tronco despido de ramos, em árvores, arbustos e subarbustos.

Ora é das primeiras, principalmente que eu vou tratar.

A raiz dos vegetais tem um duplo fim, imobilizar a planta e absorver do solo parte das substâncias necessárias à organização do vegetal.

O aparelho fixador é constituído pelas raízes mais

grossas, já lenhifeitas. As radículas tenras formam o aparelho de nutrição, e é através das células destas radículas que passam por *osmose* os gases e a água do terreno, levando dissolvidos os princípios minerais necessários à planta.

O caule é pois o eixo donde saem as folhas e que estabelece a comunicação entre estas e as raízes. É através dele que sobem até às folhas os diferentes corpos absorvidos pelas raízes, e de onde saem depois, em sentido inverso, os princípios imediatos elaborados pelas folhas.

As folhas são aqueles órgãos laterais ao caule, de ordinário laminares e que contactam com o ar e com a luz; e é principalmente por meio delas que a planta faz a assimilação do carbono aproveitando-o do anídrido carbónico atmosférico, que aos seres vivos é prejudicial, e explindo o oxigénio. É nesse laboratório que se forma a matéria orgânica, base inicial da vida.

Dizem que Santa Isabel transformou rosas em pão, pois as plantas operam um milagre maior, transformando esse ramo morto, esse reino mineral, em flores e em frutos.

Lançai uma semente de trigo à terra e passados cinco a seis meses tereis cem a duzentas sementes. O moleiro transformá-las-á em farinha, o padeiro em pão, e vós, ingerindo-o, ides integrar no vosso corpo uma parte dessas sementes que a planta vos deu.

Lançai uma semente de pinheiro bravo, o penisco, no areal da vossa terra ou na encosta da serra; passados 30, 40, 50 anos tendes milhares de sementes iguais, caruma para atear o fogo e no mínimo, lenha para queimar.

Ingeri a terra de que a planta fez pão e tereis uma morte prematura, lançai ao fogo a areia que a semente transformou em lenha, e o fogo extinguir-se-á. Quem operou esse milagre? A planta.

Como ser vivo que é, a árvore executa todas as funções que lhe são inerentes.

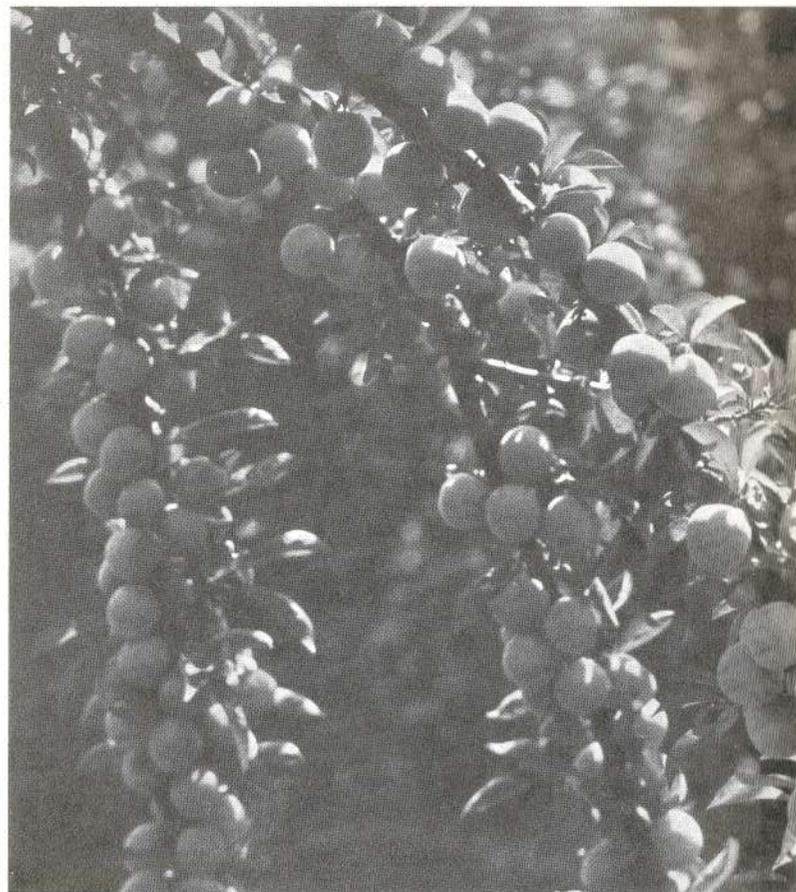
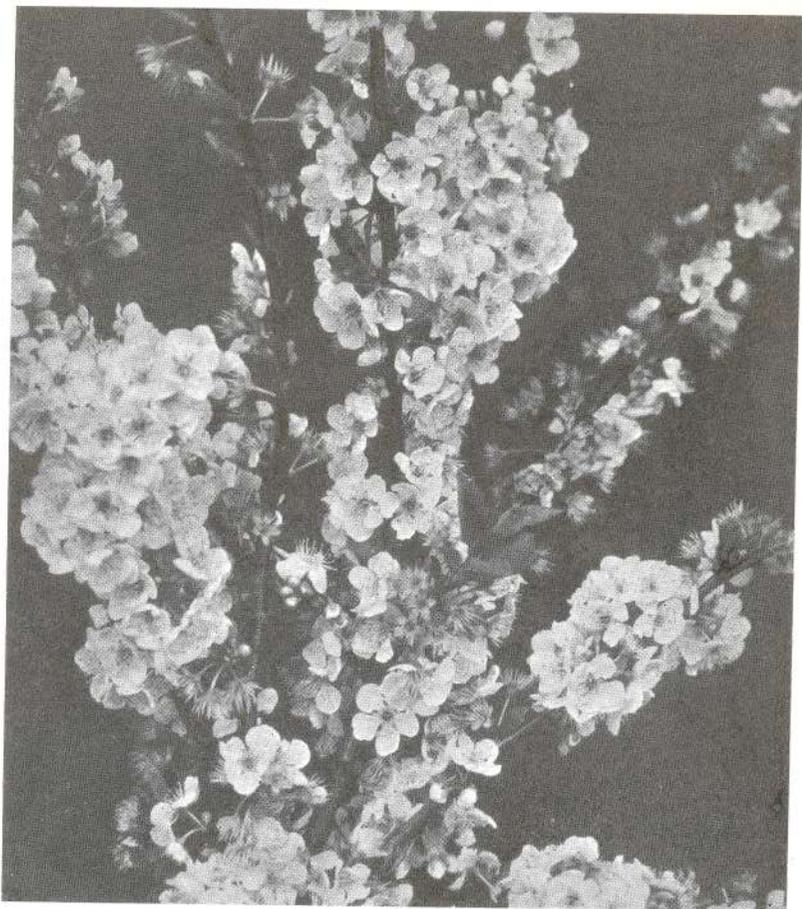


Fig. 7—«Quem tem frutos tem riqueza . . .»



As flores são a delícia e encanto da vista

Nutre-se, como vimos, assimila, isto é, torna as substâncias que absorve em parte integrante do seu ser; desassimila, isto é, simplifica as substâncias assimiladas, respira, transpira, reproduz-se, e segrega todos os princípios que não fazem parte da nutrição da célula.

Até os produtos da sua secreção são bons, como os aromas que as flores exalam e que atraem os insectos, facilitando a polinização.

É das flores que vêm os perfumes com que se embalsamam essas flores que mais adoramos: as nossas mães, as vossas irmãs e futuramente as vossas noivas.

Porque não havemos de adorar as árvores, se foi uma dádiva de Deus e no dizer de Cícero «Summum munus homini datum» foi o maior bem dado ao homem? Não quero evidentemente que vades em romaria até à floresta, silenciosos e calmos, ajoelhar perante elas e bradar-lhes as vossas orações, tal qual se pratica nos templos.

Desejava sómente que nas correrias, nas brincadeiras que tendes uns com os outros, não vos agarrasseis às árvores acabadas de plantar ou novas ainda, fazendo-as estremecer, por que ides desagregar essas mil *boquinhas*, essas mil radículas que contactam estreitamente com as partículas do solo e por onde elas se alimentam. Não queria que com os canivetes gravasseis os vossos nomes na casca das árvores, porque ides fender o câmbio, esse conjunto de células vivas que originam o engrossamento da árvore e ainda por que enquanto o nome lá persistir, só atestará a ignorância ou o estulto valor de quem praticou essa acção.

Não queria que matasseis a árvore, cortando-lhe o seu tronco ainda em formação, para só possuídes uma chibata, mostrando assim um egoísmo atroz. Em troca dum prazer momentâneo, ides roubar os benefícios que vós mesmos e gerações futuras aufeririam se a árvore tivesse seguido todo o seu desenvolvimento. E quem

visitar a vossa terra, vê nos pequenos troncos esgalhados o vosso estado de selvajaria.

A gravação duma cruz na primeira árvore junto à costa foi ordenada por D. Manuel I, mas então era ainda a árvore rendendo um benefício aos nossos navegantes, porque nas terras que iam descobrindo e onde aportavam não tinham quem lhes desse informações seguras (1). Não, vós haveis de querer certamente que as vossas terras progridam e, como o progresso é ilimitado e de cambiantes variadíssimos vós, no que respeita às árvores plantadas nas ruas e praças das vossas povoações, não praticareis nenhum dos maus actos que acabei de apontar.

Pelo contrário, se a árvore que a Câmara ou a Junta de Freguesia mandou plantar ficou próximo da tua casa, vai tu mesmo nas manhãs ou nas tardes dos dias causticantes do estio levar-lhes a água com que mitigar a sede, faz da árvore a tua dama, defende-a com galhardia, como já disse, dos rapazes que constituíram a «Ala dos Namorados». Defende-a dos insectos e aves nocivas protegendo os insectos e aves úteis (2).

(1) «Alguns Documentos da Torre do Tombo», pág. 165. «Regimento que deu El-Rey D. Manoel a Fernão Soares, quando foi por capitão na Armada que passou á Índia em 1507.

Se depois de passadas as Canaryas ... e nam vos acodindo algum dos dyctos navyos com os synaes que saõ ordenados... farês todavia caminho com os outros navyos, que se comvosco acharem, direito a Bizigiche, onde asy avees de tomar augua, se a ouverdes mester; e aly... e nam vos emcalçando até emtam, vos partirês embora, deixando hy por synal de vosa chegada e partida huña cruz grande... na primeira arvore, que estiver sobre a desembarcaçam da ylha... tirada a casca da dycta, arvore, a que pareça a cruz no branco do paao.»

(2) Aves úteis: Mochos, corujas, pêtas, picapaus, rolieiros, pôpas, atrepas, gaivões, noitibós, rouxinóis, piscos, rabiruiuos, cartaxos, negrinhas, toutinegras, carriças, folosas, estrelinhas, taralhões, andorinhas, lavandiscas, petinhas, cruzabicos, verdelhões, chamarizes, pintassilgos, lugres, estorninhos cegonhas.

Aves nocivas: Águias, milhafres, falcões, açores, gaivões, tartaranhões, fufos, corvos, peças, gaios, garças.

Insectos nocivos aos pinheiros: Bóstricos, elesinas, pissodes, processionárias, torcedora, etc.

Na Suíça essa protecção vai ao ponto de se construírem ninhos e bebedouros artificiais, de auxiliarem a alimentação para que as aves se multipliquem mais e mais.

As leis de protecção ao arvoredo datam já de tempos recuados. Lesbazeilles fala duma lei dos lombardos, que mandava cortar as mãos a quem por malvadez cortasse árvores. Rougier afirma haver existido uma lei na Suíça que impunha a pena de morte por igual delito.

Entre nós já os nossos antepassados reconheciam os grandes benefícios das árvores, e promulgavam leis em sua defeza (1).

As nossas leis de hoje não são tão severas, contudo quase todas as Câmaras Municipais impõem penalidades a quem subir às árvores, a quem lhes prender os animais, a quem as quebrar, cortar, ou lhes causar qualquer dano.

Se alguém tentar danificar a árvore por espírito de malvadez, diz-lhe que às árvores não se faz mal, e se troçarem de ti, só por que és pequeno e defendes um princípio bom e são, lembra-te que as Câmaras Municipais têm penalidades a aplicar contra quem comete tais atentados.

Detesto a denúncia, mas abomino igualmente todo

(1) «Ordenações E Leys do Reyno De Portugal do Rey D. João IV», Título LXXV, pág. 164. «O que cortar Arvore de fruto em qualquer parte que estiver pagará a estimação della a seu dono em tres-dobros. E se o damno que assi fizer nas Arvores, for valia de quatro mil reis será acoutado, e degradado quatro annos para Africa. E se for valia de trinta cruzados, e dahi para cima, será degradado para sempre para o Brazil.»

Do «Systema ou Collecção dos Regimentos Reais», de D. Maria I, Tomo IV, pág. 544. «Toda a pessoa de qualquer qualidade, que seja, que for comprehendida em cortar pão de algum dos meus Pinhaes, pagará pela primeira vez cinco mil reis e pela segunda vez dez mil reis; e sendo porem pão Real capás de servir nas minhas fabricas, pagará pela primeira vez vinte mil reis, e pela segunda quarenta mil reis, e dous annos de degredo para a Africa, e em todo o caso perderá as alfaías, os Bois, e os carros que forem achados no Pinhal carregando madeira...»

aquele que, sendo livre e responsável, pratica conscientemente um mau acto, só por espírito de malvadez.

Se na família, célula da sociedade, para que a harmonia e o bem estar seja um facto, é necessário que todos trabalhem em benefício recíproco, todos se interessem pelo bem comum, também para que uma sociedade, que é afinal um agregado de famílias, seja feliz e prospere, é indispensável possuímos o sentimento da solidariedade e o amor da justiça, é preciso que não haja desequilíbrio entre esta dependência mútua em que vivemos, que todos trabalhem para o bem comum, que caminhem para o belo.

E não há nada mais lindo do que estimar, amar muito esses seres que nos deleitam e nos servem, que vivem espalhados por todo o Universo, desde a montanha aoitoral só para nos fazerem bem.

* * *

Lá longe, naquela montanha desnudada, é que tem a sua origem um rio. A neve principiando a derreter-se dá início ao processo natural da Natureza, ao fenómeno da erosão, aparecendo os raudais que correm pela encosta, saltam acolá, juntam-se mais além; o volume da água vai engrossando, o rio está formado e ele aí vai pelas vertentes, lambendo, corroendo e transportando a terra, a areia, os calhaus e os rochedos até se despenhar no mar.

A montanha com a acção continuada das neves, das chuvas e dos ventos, veio a ficar nua, sem terra onde possa vegetar a árvore, o rochedo veio desmoro-nar a azenha do moleiro, os calhaus e grande parte da areia vieram altear o leito do rio (como aconteceu por exemplo no rio Lis cujo leito ficou superior ao nível da cidade de Leiria que atravessa) e depositar-se na seara de trigo ou no campo de milho que o margínam, matando as plantas e inutilizando o terreno.

Toda essa calamidade porquê? Porque a montanha que deu origem ao rio é escalvada, não tem árvores.

Porém, aquela outra serra, mais além está totalmente revestida, tem árvores e arbustos.

E o que é que sucede quando tomba a chuva? A velocidade com que cai é diminuída em parte por esse tapete de verdura formado pelas copas das árvores e repartida pelos raminhos, ramos, braças e pelo próprio tronco.

A seguir, encontra um outro tapete de cor mais escuro e mais fofo, constituído pelas folhas, pelos ramos, pelos frutos que foram caindo da árvore formando a manta morta, o verdadeiro estrume vegetal. As raízes das árvores minando o terreno, tornaram-no mais permeável, tudo isto contribui para que a água seja embebida tal qual sucederia se a chuva caísse sobre uma esponja. A duração da chuva é, por assim dizer, prolongada evitando-se a formação de uma grande massa de água. Ainda as raízes, cruzando-se aqui e além, abraçaram o rochedo, seguraram o calhau e tornaram aderente a terra fértil.

Já só uma pequena parte da água da chuva é evaporada, outra absorvida pelas plantas e a maior parte infiltra-se pelo terreno, vindo originar muitas fontes e tornar permanente ou quase constante o regime dos rios.

O lavrador não tem que recear as cheias inesperadas, não teme as inundações, o moleiro rejubila, porque a azenha trabalha todo o ano e o engenheiro, contando com um caudal certo, pode montar a turbina que dará luz eléctrica e fará mover os maquinismos da sua fábrica.

Por sua vez, o lavrador que vive na falda da serra ficou com lenha e com adubos para as terras. Tem cabimento aqui o provérbio florestal que diz: «Não há pátria sem árvores, nem agricultura sem floresta».

O aparecimento duma fonte, que brotou debaixo dum rochedo, tem propriedades terapêuticas? Feita a a descoberta, feita a propaganda, fez-se a estrada para o local milagroso, veio a casa, o hotel, a povoação.

Os endêmicos ficaram com mais um sítio encantado do nosso país onde possam fazer tranquilamente as suas curas e as aves com um palco maior para trinarem as suas canções.

O aparecimento de mais ribeirinhos tornou mais fácil a rega dos campos, criou-se a riqueza pondo-se árvores nos terrenos até ai desaproveitados, e onde até então só havia ruína e tristeza. Poderei dar como exemplo a vasta região da Ásia menor, a Mesopotâmia onde existiu entre outras cidades a da Babilónia, a de Alepo onde viveram no milénio do tempo as primitivas civilizações, e onde hoje em dia, segundo refere Ferreira de Castro, não se vê uma simples fronde, sendo tudo isto um exemplo bem evidente da incúria e da ignorância dos povos que viveram nos recuados tempos da Pré-História.

Acabei de vos expor alguns dos benefícios que as árvores nos prestam nas serras, dir-vos-ei agora quais os benefícios que nos rendem quando colocadas nas areias.

* * *

As areias são formadas pela acção dos gelos, dos ventos, das chuvas, do calor, e pelo embate constante do mar nos rochedos da costa. Esse embate faz que a rocha se vá desagregando, se vá fragmentando, e essa infinidade de grânulos levados pelas ondas, vai-se depositando incessantemente por toda a beira-mar.

Quando a maré vasa, deixa aquele plano inclinado composto dum número infinito de partículas de diversíssimas rochas ainda aglotinadas, ainda presas umas às outras, devido à água que ficou entre os seus interstícios; o calor e o vento, porém, fizeram desaparecer grande parte dessa água, os grânulos ficaram soltos e o vento então lá os leva, lá os arrasta pela terra dentro até encontrarem um obstáculo que impeça essa corrida vertiginosa. Se aqui e além há umas plantas, uns muros, umas pedras, qualquer obstáculo, os grânulos

nulos vão-se amontoando aí até que o cimo desse obstáculo seja atingido. Depois o vento continuando na sua faina, lá vai subindo com mais grãos de areia por esse plano inclinado que se formou, galgando o cume do médão, prosseguindo na sua carreira desenfreada, percorrendo quilómetros, andando léguas.

Se o obstáculo que encontraram foi uma casa, da mesma forma a areia se vai amontoando até que essa casa será soterrada se os donos não lhe acudirem.

Se é um campo de cultura, as areias cobrem-no-se é uma lagoa em breve desaparecerá, se é a foz dum rio em poucos anos será prejudicada, tendo sido soterradas por esta forma aldeias, terras férteis, lagoas proveitosas e tornados inavegáveis muitos rios.

O espectáculo que se nos depara, olhando para essa extensão enorme de terreno onde só há areia, é o mesmo que nos seria dado observar se o mar em dias encapelados parasse momentâneamente; com a diferença que no areal a cor é branca, e cada onda, cada montículo de areia constitui o que se chama uma duna. Pois se semearmos os nossos areais com o penisco, a semente do nosso pinheiro bravo, e cobrirmos nos primeiros tempos essas sementeiras com mato para que o vento não descubra as sementes nem as enterre demasiadamente, teremos, passados meia dúzia de anos essas areias brancas a perder de vista transformadas num tapete verde da cor da esperança.

Esses pequenos seres, arrostando contra o calor do estio, contra o frio do inverno, contra os ventos mareiros e alimentando-se da magra areia lá vão formando corpo, tomando vulto. Os da Beira Litoral, os mais próximos da praia são os pinheiros serpentes que se fixam ao terreno em holocaustos aos seus irmãos que se lhes seguem em filas cerradas; contorcem-se, rastejam, abrem os seus braços contra as ventanias e areias que incessantemente os açoitam mas não cedem terreno; levam uma vida de sacrificados fazendo frente a todas as intempéries só para que as

fileiras dos que se lhes seguirem se vão desenvolvendo e fortalecendo até que, afoitamente, depois de dominados os flagelos, se elevem altivamente formando conjunto invencível sob a vigilância de seus irmãos avançados. E é assim que numa faixa de 500 a 1.000 metros de largura, formada pelos pinheiros do nosso litoral, ficam dominadas as areias e uma grande parte da força dos ventos é quebrada por essa pléiade de soldados de capacete verde, verdadeiros soldados do bem.

Formada essa cortina de abrigo, já a vossa horta e a vossa casa ficam assegurados. À floresta ides buscar os detritos vegetais que fertilizarão as terras, os chamiços para vos aquecerdes nas noites frias do inverno e cozinhardes os repastos. A folhagem verde tornando o ar mais puro, dará mais saúde às crianças, às mulheres e aos homens que ao seu abrigo mourejam a terra. Confirma-se assim o provérbio sueco que diz: «Ser a floresta o manto do pobre». Para terdes uma certeza absoluta dos benefícios reais de que vos falo, não resisto à tentação de transcrever aqui a receita do Pinhal de Leiria relativa ao ano económico de 1950-1951.

Esse pinhal, de que vos fala o vosso livro de história, com uma área total de onze mil trezentos e sessenta e três hectares tem uma área explorável de oito mil e quinhentos hectares e a receita efectuada pertencente ao Estado é como segue:

Receita efectuada que deu entrada nos cofres do Estado:

Produtos principais (Madeiras, varas e lenhas)	10.500.000\$00
Produtos secundários (Resinas, cepos e ramas)	1.400.000\$00
Produtos acessórios (Arbustos, pinhas secas, caruma, carrasca, feno e mato)	50.000\$00

Outros produtos (Pedra, saibro, estrumes)	20.000\$00
Rendimentos diversos (Licenças de trânsito, pastagem e caça, e caminho de ferro florestal)	30.000\$00

Receita virtual, isto é, produtos cedidos gratuitamente aos povos circunvizinhos da mata, 2.500.000\$00.

Além das importâncias apontadas, esta mata de pinheiros deu trabalho ao formigueiro de condutores de carros de bois, de carroças, de burros, de camionetas, garantindo o pão aos que andaram a juntar e transportar esses produtos. Assegura a fertilidade dos campos vizinhos do pinhal, que por esse facto são amanhados, auferindo o Estado uma receita indirecta, que toda essa gente paga nas licenças de trânsito dos seus carros, nas contribuições das suas propriedades e na vida relativamente feliz que a floresta lhes proporciona.

A falta de lenha miúda para os nossos valentes pescadores que só sabem cavar no mar, à procura da grande variedade de peixes que nos oferecem quase sempre arriscando a vida, como diz o poeta A. Santos Graça:

«A vida do marinheiro
É uma vida triste e dura
Pois toda a vida trabalha
Em cima da sepultura»

traduz-se em prantos e em choros quando o inverno bate à porta, falta o trabalho no mar, a lenha para se aquecerem e até a caruma para assarem a sardinha.

Em grande parte do Douro, o caldo do lavrador ferve com o fogo ateado à *moinha*. Na ilha de Santa Maria completamente desarborizada, servem-se da bosta do boi como combustível, e o mesmo acontece muitas

vezes nas campinas a perder de vista da Argentina e Rio Grande do Sul.

É triste verificar que no século que atravessamos, quando os povos mais adiantados já se servem da electricidade para os frigoríficos, para os seus fogões de cozinha, para aquecimento das suas casas, ainda muitos portugueses utilizem como combustível, os produtos que deveriam ir enriquecer o solo agrícola.

* * *

As matas quando extensas, como acontece no Pinhal de Leiria, não se devem derrubar num só período, trariam de momento um super-abastecimento, e no futuro uma escassez que a todos afectaria. Devidem-se pois em áreas mais pequenas consoante o fim que se tem em vista com a exploração e com a espécie de arvoredo de que se trata, devidem-se em talhões; e, derrubado então um desses talhões lança-se a semente à terra, logo que a madeira de lá tenha saído e as condições climatéricas da região o permitam, procurando obter um rendimento anual certo em madeiras e lenhas e determinando-lhe o que se chama a sua *possibilidade*, cujo valor varia conforme a maior ou menor procura que tenham estes produtos. Com as árvores, deve fazer-se o que os lavradores fazem com as suas culturas agrícolas, a rotação das mesmas.

O que se torna necessário, o que é preciso, é que esta terra que nos rodeia e que é de nós todos, esteja neste moto-contínuo de produzir, produzir muito, para que haja bem estar nos lares.

* * *

Não imagineis vós, rapazes e guardas florestais de Portugal, que a árvore só dá madeira, lenha e frutos. Os seus benefícios quase são inumeráveis. Segundo a Bíblia, foi na folha da figueira que a Eva encontrou a

sua primeira veste; filas de árvores alinhadas pelo acaso e tocando-se no cimo pelas copas, deram aos primeiros architectos a ideia das magestosas naves dos templos (Fig.^{as} 8 e 9).

Ao reino vegetal se vão buscar motivos de decoração.

O papiro impregnado com óleo de cedro, para o tornar incorruptível, foi o primeiro papel dos egípcios. A árvore em flor e a tonalidade dos cambiantes que o arvoredo toma, inspiraram os pintores e os architectos paisagistas, dizendo Artur Noël que o reino vegetal «é o decorador por excelência e o mais perfeito dos coloristas».

Os escultores fazem muitas vezes, de madeira, estátuas, imagens de santos, etc.

Na floresta encontram os poetas motivos de sossego para as suas poesias. Ou não fosse a floresta segundo Theuariat, «a poesia e o perfume da terra».

O homem que habitualmente vive no grande bulício das cidades procura por prazer e por necessidade os parques citadinos que, no dizer dos ingleses, são os pulmões dos grandes aglomerados.

Nabuconodossor II, para obstar à nostalgia que sua esposa sentia das árvores da sua pátria, mandou construir na Babilónia o primeiro jardim pênsil, isto é, construído sobre colunas que mandou fossem ôcas para se encherem de terra vegetal e receberem as raízes das árvores aí plantadas.

Era nas florestas que os indígenas de preferência escondiam as suas riquezas, quando viam o seu país invadido; e, por esse motivo, se têm encontrado no Pinhal de Leiria, objectos de prata e moedas ocultas, quando das invasões francesas. Foi devido ao grande conhecimento do terreno, mas principalmente à existência então de grandes florestas, onde se ocultavam os soldados do nosso valente general lusitano Viriato, que este conseguiu infligir grandes derrotas a vários consules romanos, até que Scipião, recorrendo à astúcia, fez assassinar o nosso grande general.

Foi a árvore, tombando no rio e levada por este, que deu a primeira noção da embarcação aos primeiros homens; foram os pinheiros mansos já existentes na costa no tempo de D. Denis, que lhe permitiram, não só impulsionar o povoamento da mesma, como também dar incremento à navegação e à pesca (1).

Foi com a madeira do Pinhal do Rei Lavrador, que eu cognominaria de fomentador, que se construíram entre outras a nau Nazaré, (O Arqueólogo Português, Tomo XXV, pág. 215) lançada ao mar em 1489, e depois de ter andado pelo Mar Roxo, com o fim de destruir o comércio árabe na Índia, ainda auxilia a conquista de Gôa (2). Em 23 de Março de 1500, D. Manuel dirige aos frades do Mosteiro de Alcobaça a carta que se segue: «Regedores de Alcobaça. Eu El Rey vos enviamos muito saudar. Nós ordenamos ora de em a Pederneira (Nazaré) mandar fazer certas caravellas que avemos mester e comprem a nosso serviço e porque poderá ser que averemos mester algũa madeira pera ella, assi como para liame como tavoado e pera outra obra, vos rogamos muito e encomendamos que dos pinhais matas e defezas desse mosteiro ajaaes per bem

(1) «Arquivo Nacional da Torre do Tombo». Livro 1.º, de Doações do Rei Dom Denis — folha 61 verso — Dom Denis pela graça de Deus Rey de Portugal e do Algarve. A todolos quantos esta carta vyrem ffaço a saber que eu faço cartas de fôro aos meos pobradores assy come aos presentes come aos que amde vyr da minha pobra das paredes (a seis kilómetros ao sul do Pinhal de Leiria e de que hoje ainda existem os alicerces das antigas casas) que é em termos de Leirea ... per tal preito que seiam e morem hy os mais homees que podere hy morar e nõ seiã meos ca trinta pobradores e non aiam meos ca sex caravellas gizadas e aparelhadas de toda-las couzas que ouvere mester... Dante em Coimbra vinte e nove dias de Setembro. El Rey o mandou. Manoel canes a fez. Eª Mª CCCª XXIIIª».

(2) «Francisco corvinell feitor de goa ho capitam gerall e governador das indias etc., por este vos mando que pagues a gylherme de tocell comdestabre da nazaré trimita cruzados de que lhe faço mercee em nome de sua alteza por fazer tam bõs tiros na fortaleza de benostarym e o fazer muyto bem e derubar muyto lanço do muro e per este com ho assento do vosso espruão vos serem levados em comta feito em goa aos XX de novembro de 1512. Affonso dAlbuquerque».

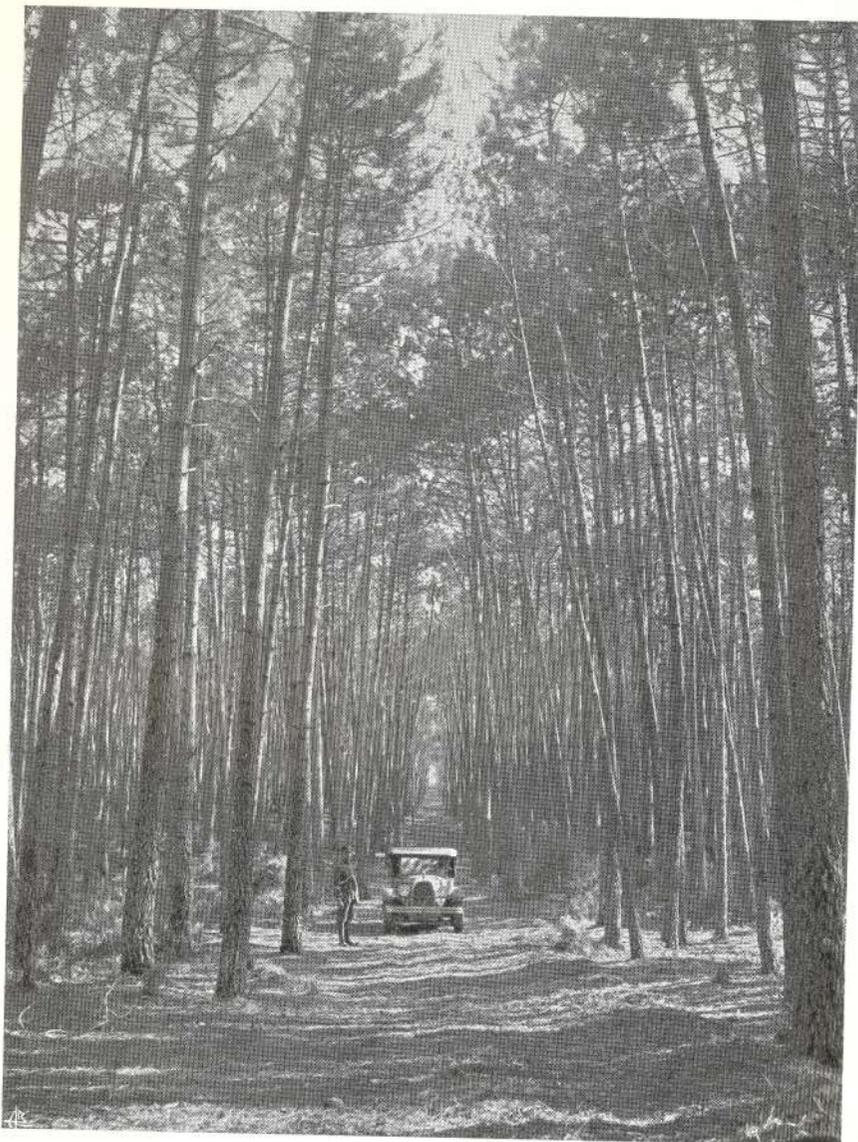


Fig. 8—Uma das muitas naves do Pinhal de Leiria, caminho coberto de caruma dando passagem a automóveis

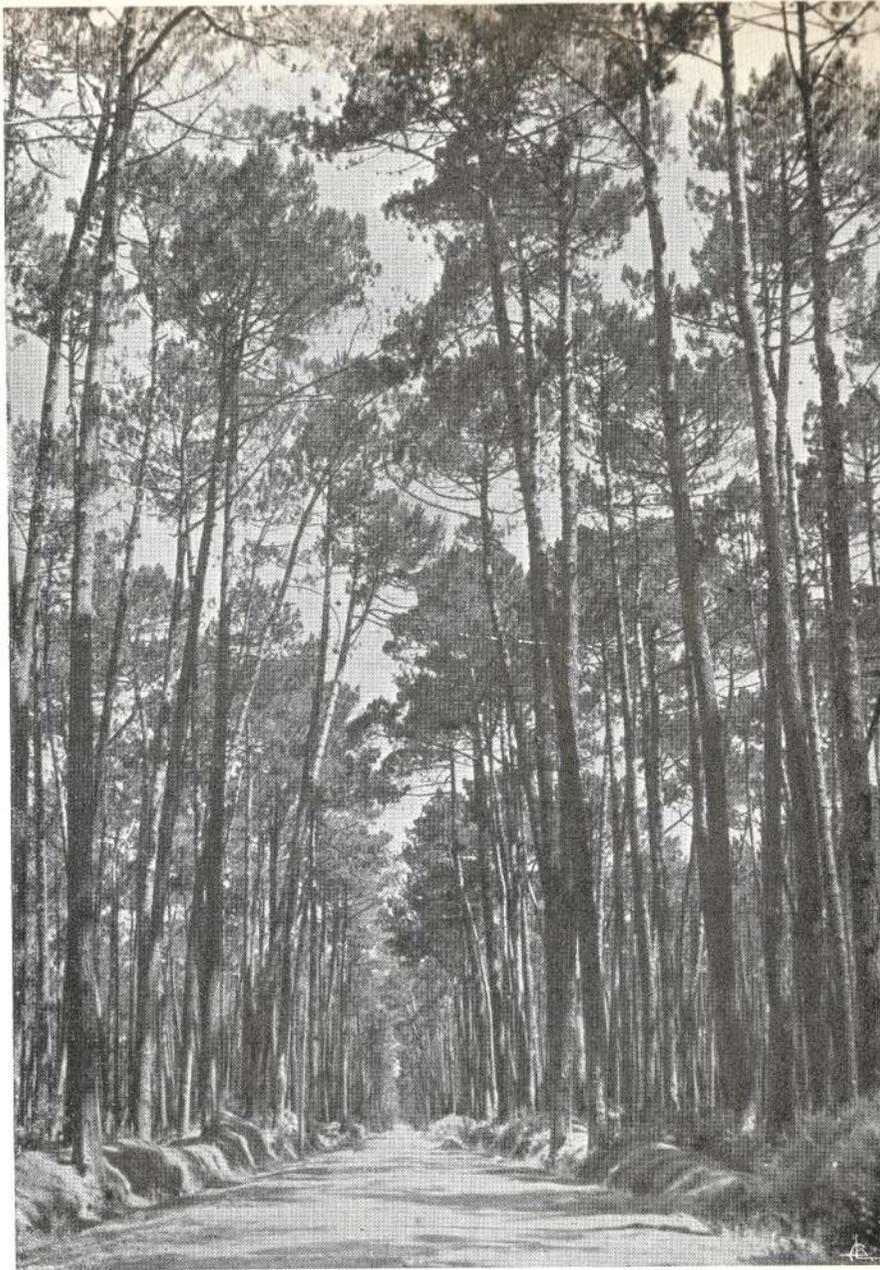


Fig. 9—Uma das principais naves do Pinhal de Leiria

e mandeis que enviando a isso lá o nosso Almojarife os officiaes e carpinteiros lha deixem cortar e aver livremente e do lo assi fazerdes como de vos esperamos volo agradeceremos e teremos em serviço. Scripta em Lisboa a 23 de Março. Francisco de Matos a fez. De 1500 — Rey».

Sem as árvores não teríamos devassado o Atlântico e o Índico, não teríamos ido à África, à Índia, à China, ao Japão, ao Brasil.

Durante a guerra tremenda que avassalou o Mundo, foi a árvore feita táboa que resguardou a trincheira, foi ela que defendeu o nosso soldado de muita bala inimiga, e era ainda a táboa assente no fundo da trincheira que impedia que ele se enterrasse pela terra lamacenta.

No nosso Portugal foi a árvore feita lenha que fez circular os comboios, que movimentou muitas das nossas indústrias, impedindo assim que elas morressem de inanição.

A árvore é considerada por muitos como um verdadeiro pára-raios. Ainda que a madeira seca seja má condutora, a árvore que vejeta e que tenha recebido as chuvas no seu tronco, quando muitas vezes as trovoadas se fazem ouvir, torna-se boa condutora da electricidade atmosférica para a terra.

* * *

Mas a árvore não dá só os bens materiais, dá igualmente os bens que melhor se sentem, que fazem vibrar a nossa alma, quando fora da Pátria, lá longe, em terras estranhas, encontramos os frutos do nosso Portugal.

Eles têm outro aroma, outro sabor bem diferente de semelhantes frutos, doutros países. Cheiram-se, saboreiam-se com doçura, com suavidade, e, ao comê-los, só nos lembramos do rincão da Pátria, onde nascemos, onde brincámos, onde trepámos às árvores em demanda dos seus frutos.

É a saudade que aperta, a nostalgia que estrangula; é o desejo insaciável do regresso à terra que nos viu nascer.

É a árvore a ligar-nos sempre, constantemente ao torrão onde vive a nossa família, onde temos a nossa casinha branca com o alpendre acolhedor, donde pendem cachos de glícínias e de uvas, ou verdadeiros novelos de rosas rubras.

No regresso, ainda no mar alto, quando o vapor contorna a costa sentimos ainda longe um hálito especial, um bafejo suave muito doce, um perfume vindo da árvore que nos dá a certeza da Pátria próxima.

Aproximando-nos mais e mirando bem, vemos nessa faixa verde, ao longo da costa, as árvores *bamboleando-se* como que a darem-nos as boas vindas. É a primeira saudação da chegada. E, após os cumprimentos saudosos da família, quando finalmente chegamos junto das árvores, gozando a sua sombra, os seus frutos, os seus aromas, sentimos o peito dilatar-se, a vontade de permanecer ali horas sem conto, ou as árvores não fossem o íman que nos prende. No sossego, na bondade que nos rodeia, vemos a confirmação dos versos de Vergílio, que referindo-se à vida pastoril, diz:

«Onde reina uma paz durável
E em sossego se vive inalterável».

Rapazes que me ledes, rapazes de Portugal, quer sejais os rapazes da aldeia que só têm junto de sua casa o seu quinteiro, ou vós que tendes pais possuidores de uma grande quinta, plantai árvores, muitas árvores, comemorai as datas festivas da vossa vida, da vossa família, pondo na terra este padrão vivo — a árvore que vos trará o bem estar, a riqueza, a felicidade.

Desde que o Mundo é habitado, as árvores serviram para perpetuar grandes ideias ou acontecimentos notáveis, ainda que algumas espécies raro ultrapassem três séculos.

A mitologia diz que Júpiter permeia a hospitalidade de Filemon e Bocis no mútuo amor que os unia, permitindo que se transformassem ao mesmo tempo em árvores de frondosa copa.

Cibeles arrependida de ter sido tão cruel para com Átis, transforma-se em abeto, nessa árvore de folha permanente que parece triunfar da morte, quando a terra se reveste do seu manto branco de neve e as árvores de folha caduca dormem o seu sono ibernal.

Mirra chora com sincero arrependimento o seu nefando crime, e é convertida na árvore do seu nome que continua a chorar derramando lágrimas de um suave perfume.

Apolo vence na sua carreira a ninfa Dafné que é transformada em loureiro, e as folhas desta árvore coroam desde sempre a vitória dos guerreiros.

Cipáris, por ter sido causa involuntária de uma grande desgraça, é transformado em cipreste, nessa árvore triste, que ainda hoje vela os túmulos nos cemitérios.

Deixando a mitologia e passando à história, Plínio diz que Rómulo, o fundador de Roma, para comemorar uma das suas vitórias, plantou um lódão.

César plantou em Córdova, por suas próprias mãos, um plátano para indicar que Roma era senhora da Ibéria.

Os franceses celebram o triunfo da primeira República plantando a árvore da liberdade.

Neste dia, em que vos escrevo, o chefe do estado, para comemorar o 70.º aniversário da Cruz Vermelha Portuguesa, plantou junto da entrada do edifício daquela instituição uma oliveira.

Quando terminei o meu curso de engenheiro silvicultor, semeiei no alfobre da minha terra vareira «as árvores» e, passados meses, já colhia frutos tão doces, tão amigos, tão aromáticos, como estes exemplares que vos oferto:

«... o melhor modo de amar as árvores não será contemplá-las, mas servi-las, e o melhor modo de as servir é procurar plantá-las... O que de salutar esse amor prático contém, sei-o por experiência...» — DR. JAIME DE MAGALHÃES LIMA.

«... Eu também sou druída. Uma das alegrias da minha velhice é contemplar as árvores que plantei e acolher-me à sua sombra, e só me pesa não ter plantado uma floresta!» — DR. LUÍS DE MAGALHÃES.

«... Que lindas são as suas «Árvores»!... Quando eu era pequenina maravilhava-me com as árvores de fruto de ouro dos contos das fadas, mas as suas são maravilhosas — árvores em flor todo o ano, de troncos carinhosos, de ramagem viçosa, cujos primeiros frutos foram sorrisos... Se então me dissessem que havia árvores que davam sorrisos, eu não acreditava... Mas agora acredito...»

Todo o meu desejo é que elas vinguem, criem raízes profundas neste cantinho que é um retalho escolhido de Deus, e cresçam sob este grande «Solo Nacional» dando sombra aos que passam, calor aos que têm frio, flores aos que sonham, sorrisos aos desgraçados...

Abençoadas sejam as suas «Árvores» que tão cedo deram fruto...» — D. MARIA LINA CORREIA MENDES.

Mas, se as árvores deram ainda o violino de Beethoven e a inspiração para as suas pastorais, açoutadas pelo vento cantam os seus hinos ao Criador, e arrebatadas por ele e lançadas á terra dão todo o seu corpo ao homem no carvão que o milénio do tempo transforma em mineral. Um país sem árvores é a desolação, a dor, a tristeza e, vejam o que diz Ferreira de Castro da Mesopotâmia no seu livro «A Volta ao Mundo».

O Egipto não tendo florestas, não encontrou inspiração para os seus monumentos de base rectangular e com quatro faces triangulares. Essas pirâmides de

que vos fala a História não são mais do que verdadeiras montanhas de pedras colocadas com precisão, sem beleza, perdidas no areal. O deserto do Saará, onde o ar é extremamente seco, tem temperaturas durante o dia que vão a 50° C e de noite baixam ao ponto da congelação da água. Os ventos violentos formam verdadeiras nuvens de areias e de poeiras. As chuvas são raras, nada regulares, só quase o acaso faz que uma ou outra nuvem aí deixe cair as suas gotas de água.

Nem poços, nem pastagens; as poucas plantas que lá vegetam defendem-se contra a secura, rastejando no solo, desenvolvendo as suas raízes e transformando as suas folhas em espinhos.

Qual de vós que me ledes era capaz de viver no deserto? Parece que a Natureza fazendo passar a Terra por convulsões geológicas profundas, sumindo o mar para nos dar o deserto do Saará, e arrastando florestas para a terra, nos quíz mostrar a grande necessidade que temos da árvore e a sua enorme utilidade. Sem a árvore quase não se vê vida. O benefício da árvore é tão grande que, ainda depois de enterrada e decorridos séculos, nos dá o carvão mineral.

A meteorologia diz-nos que as chuvas se formam por um resfriamento brusco duma massa de ar saturada de humidade. É que o frio condensa e o calor difunde. Se uma massa de ar húmido penetrar num ambiente seco, essa humidade espalha-se mais, se pelo contrário contacta com uma massa de ar húmido concentra em si mais humidade.

Se o vento levando uma massa de ar carregada de vapor de água passar pelo deserto do Saará, onde como vimos o ar é seco, essa humidade espalha-se mais ainda e não tomba a chuva, mas se passar por sobre uma floresta imensa onde a atmosfera se mantém mais húmida devido à transpiração e clorovaporização do arvoredo, a chuva tem muitas probabilidades de cair, e então cai em gotas mais pequenas, por maior espaço de tempo, vivificando as plantas. Se algum de vós

ainda não aderiu ao exército do Bem, mais benefícios posso apontar porque eles surgem uns após outros como cerejas tiradas dum cabaz.

As árvores enchugam muitos pântanos onde se criam por milhões os mosquitos, que podem levar consigo o micróbio de muitas doenças.

Absorvem o anidrido carbónico que nos é nocivo e exalam o oxigénio de que os nossos pulmões necessitam, absorvem o amoníaco e outros corpos que exalam cheiros que nos são desagradáveis e, uma vez passados pelo seu *laboratório*, são transformados em perfumes que nos enebriam; conservando uma relativa humidade no solo evitam em parte que as bactérias impelidas pelo vento subam ao ar e sejam absorvidas pela nossa respiração.

Mas, se todos estes benefícios, alguns indirectos, ainda te não bastam tu podes ter nas árvores que hoje plantas a tua caixa económica. O sobreiro dá-nos a cortiça e esta figura como um dos nossos principais produtos de exportação.

Uma outra árvore indígena, muito nossa, o pinheiro bravo, à qual os franceses chamam árvore de ouro, também pesa na nossa balança exportadora, influindo grandemente na estética das nossas paisagens. Tem paciência, e vê tudo quanto o pinheiro bravo, que vive na magra areia ou entre as fragas da tua aldeia do Douro e onde não lhe falte o ar marítimo, nos dá naturalmente ou pode dar por processos químicos: folhagem, sementes, frutos, rama, casca, lenha, manta morta, mastros, vigamentos, dormentes, postes telefónicos, esteios para minas, taboados, barrotes, costaneiras, fasquia, liame, ripas, varas, tutores, gêma, caimbeiros, palha de pinho, serradura, caibros, terças, frechais, enxameis, buana, estacas, toros, paralelepípedos para pavimentação, carvão, briquetes, breu, pez, alcatrão, essência de terebintina, colofónia, lã vegetal, tanino, pasta para papel, gás combustível, vernizes, lacres, tinta para imprensa, tinta da China, celulose.

cânfora sintética, algodão-pólvora, óleo de pinho, benzina de madeira, ácidos propiónico e acético, alcool metílico, alílico, acético, acetona, trepenos, pinenos, fenóis, creosota, sabões de resina, etc., etc.

Se não tens terrenos onde ponhas essências florestais, se tens apenas um pequenino quinteiro e preferes árvores frutíferas, planta junto do muro virado ao sul, um limoeiro, faz-lhe uma boa cova, 80 centímetros de fundo e outros 80 de largo, corta com a secatória isto é, com a tesoura de poda alguma raiz que venha fendida, seca ou partida, procura uma igualdade relativa entre as raízes e a copa, amputando antes mais os raminhos da pequena árvore do que as raízes, procura o seu equilíbrio atarracando uma raiz ou uma haste comprida, deita estrume curtido na cova e sobre ele alguma terra meteorizada da superfície do solo, dispõe as raízes da árvore sobre esse cone de terra e estrume colocado no fundo da cova, distribuí as raízes, encaminhando-as para pontos diferentes, apruma-a, põe-lhe um tutor, deita mais terra na cova, faz pressão com os dedos na terra fôfa para que se junte bem às raízes, deita-lhe a seguir um ou dois regadores de água, acaba de encher completamente a cova, faz-lhe a caldeira, deita-lhe mais um regador de água, amarra a árvore com ráfia ao tutor, ou fixa-a à parede, e vai-a regando de quando em quando, dois anos a seguir à plantação.

No inverno protege a árvore contra a neve, pondo-lhe uma cobertura e, passados uns seis anos, vais principiar a colher os frutos do teu trabalho.

Um limoeiro convenientemente tratado pode produzir 100, 200 ou mais limões.

Escrevo-vos da Marinha Grande, o nosso maior centro vidreiro, neste ano de 1935, e sabeis qual o preço que atingiu aqui este fruto? 2\$00 cada um. Um limoeiro comprado num viveirista poderá custar, posto no teu quintal, 5\$00. A plantação fizeste-a como exercício físico, como um bom passatempo, como uma brin-

cadeira, e por isso o seu custo não entra em linha de conta.

A árvore enfeitou o muro despido do teu quintal, não roubou espaço para as tuas brincadeiras. Vendo-te todos os dias, manifesta a sua amizade por ti trabalhando continuamente, e por forma a dar-te todos os anos 100 a 200 limões ou sejam 200\$00 a 400\$00.

E se em lugar dum limoeiro plantasses uma dúzia, um cento?

Inundavas o mercado, vinha a super-produção, a crise da abundância, dirás tu para ti mesmo.

Sim, assim aconteceria se não tivéssemos nos países do norte mercados bons para os nossos frutos, para as nossas primícias, para as nossas flores, tendo apenas de cuidar das indústrias da embalagem e dos transportes.

O meu muito bom amigo Ex.^{mo} Sr. Dr. Luís de Magalhães, já falecido mas que foi um verdadeiro druída quando contava sessenta e seis anos de idade, escreveu-me dizendo que só tinha pena de não ter plantado uma floresta!

Que dirás tu que me lês se chegares à mesma idade e não tiveres plantado ao menos uma árvore?

Rapazes de Portugal, aproveitai o vosso mais belo tempo, plantai florestas, pomares, hortas, jardins, e transformareis o nosso Portugal no «jardim à beira mar plantado» de Tomás Ribeiro.

Com estas árvores trareis uma riqueza perene para Portugal, quem sabe se na floresta iniciada hoje não encontrareis no futuro, que bem desejaria nunca aparescesse, um refúgio seguro contra os ataques aéreos. Se não será ainda a floresta, fazendo barragem, que vos guardará dessas nuvens de fumo maldito e mortífero, atiradas do espaço pelos homens, em bombas que só trazem a destruição e a morte!

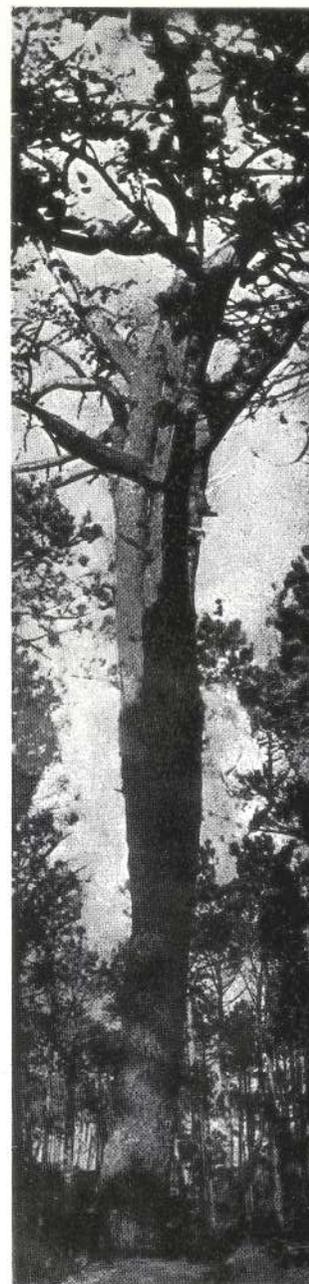


Fig. 10 — Histórico Pinheiro do Facho — O mais volumoso pinheiro, no mundo dos pinheiros bravos. Tinha a idade de 181, cubou 21 metros cúbicos e teve crescimentos de 2 centímetros.

* * *

Mas se as maravilhas das árvores são inúmeras também vos digo que elas sofrem e sentem, não me custando acreditar que tenham uma alma como nós humanos. Um tronco apocalíptico pode-nos dizer muito da prodigalidade da mãe Natureza do local onde a árvore fincou as raízes (Fig. 10). Copa ou pernada decepada traz-nos à mente o vendaval, a falha no tranco tirada em grande lasca lembra o raio que caiu na árvore, o ruído do picapau é indício de que a *ossatura* do vegetal lenhoso está desfeita há muito por parasita vegetal. Árvore copada, traz à memória o descanso dos nossos maiores, ao meio-dia, depois da labuta da terra a cuidar do jantar e a repousar a sesta. Se o coberto é terreiro bem batido foi bailarico domingueiro que ali se realizou, se no tronco e braças existem pregos ou arames, houve iluminação e descantes pelo S. João ou S. Pedro e se o velho tronco se acha resguardado com paredes demonstra carinho e grau de civilização dos habitantes da região onde pontifica a gigantesca e encarecida jóia arbórea. Em Portugal parece renascer o culto da árvore, é o renascimento do druidismo, a protecção da Natureza, a conservação do meio, do nosso meio, que nos dá personalidade e originalidade, que não é filha do momento que passa mas da obra do ambiente em que vivemos. É significado de espírito, de amor à terra e ao lar, é desejo de beleza e moral que chega ao sacrifício e ao estoicismo, como aconteceu com a invasão da Finlândia pela Rússia, por que aquele país vive da árvore e soube lutar heróicamente pela sua independência porque tinha consciência da sua liberdade, amor aos gelos, às árvores, ao lar.

Materialismo é a negação do espírito, a negação de Deus.

Pugnar pela árvore, é amar o espírito, a paz, o amor fraterno.

Escutando velhas árvores do Pinhal de Leiria,

ainda nos dizem coisas referentes ao rei D. Denis e a sua Santa Esposa, quando do seu casamento. — Disse-me o velho freixo de Trancoso: Estávamos em Junho de 1282, o sol de Junho do ano referido era escaldante e D. Denis queria que a sua noiva fosse recebida por numerosa e vistosa embaixada. Os fidalgos portugueses armaram as suas tendas sob a ramaria do arvoredado mais que centenário da vila de Trancoso, a azáfama era grande. A rainha vinda de Barcelona apareceu finalmente precedida da comitiva. Isabel de Aragão era já esposa do rei de Portugal e dos Algarves, pois casara naquela cidade por procuração. D. Denis movimentou o seu lusido cortejo que foi ao encontro da mulher que seria traço de união entre Portugal e Aragão. Rendida a homenagem, feitas as apresentações, todos os circunstantes notaram a elegância do porte da mulher que já era a sua rainha, tinha um rosto lindo e a expressão bondosa.

Comunicam as impressões colhidas ao rei que fica radioso e resolve confirmar ali com grandes festas os esponsais... Trancoso é doada à rainha, como presente de noivado; o dia 24 de Junho de 1282 foi o dia mais festivo que em todos os tempos se fez na vila. Ao velho freixo de Trancoso ainda ouvi D. Denis dizer que seu pai é que acabara de expulsar a moirama do Algarve, Portugal era agora um todo uno, que o escudo e a espada que tinham sido até ali o timbre da nobreza seria igualado à enxada e à caravela, seria igualmente nobre quem desbravasse a terra, quem lutasse no mar.

O seu lema consistiria em fazer justiça, educar, instruir, amar o povo, trabalhar sempre pela riqueza pública.

* * *

Continuando a ouvir as falas das velhas árvores, tal como Dante as ouviu nos troncos das árvores da sua Florença os ais dos condenados, também me aconteceu coisa idêntica ou ouvir as lamentações dos flores-

tais nos troncos dos velhos pinheiros do Pinhal de Leiria.

É que todos os florestais aguardam a revisão do Decreto 26.115, de 24 de Novembro de 1935 que como rebate de consciência do legislador termina dizendo: «Esta reforma não é completa, nem perfeita, nem definitiva. Não é perfeita: ou por erro material ou por má aplicação dos critérios gerais a cada caso, é natural que venha a descobrir-se imperfeições e anomalias, a rectificar logo que seja verificada a sua existência».

A desigualdade que o mesmo Decreto estabeleceu entre engenheiros silvicultores e engenheiros agrónomos e o exíguo vencimento dum guarda florestal de 3.^a classe são desvios ou anomalias que devem ser corrigidos, podendo lembrar que o antigo ministro da Marinha, José de Melo Gouveia, escreveu em 1865 (Boletim do Ministério das Obras Públicas) «As substituições do pessoal que se oferecem não dão esperança de melhor. Nem será fácil obtê-la enquanto este serviço não for estabelecido em bases de razão e justiça, que dêem às suas carreiras a consideração e garantia que têm outras ocupações que merecem menos».

Termino esta longa carta meus queridos rapazes e guardas florestais por vos dar conta dum provérbio árabe que diz: «Aquele que plantou uma árvore não passou impunemente pelo Mundo».

Disponde sempre do vosso amigo

Marinha Grande
Inverno de 1952

ANTÓNIO ARALA PINTO

Este livro acabou-se de imprimir aos quinze dias do mês de Janeiro de mil novecentos e cinquenta e dois, nas oficinas de typografia e encadernação Mendes Barata — Leiria

CORRIGENDA

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se
19	28	Liquenas	Liquenes
19	33	Genises	Genesis
21	26	nas	das
23	7	mobilário	mobiliário
24	21	ramo	reino
39	13	sauve	suave
45	7	tranco	tronco
46	35	ou	ao